



Ressurreição e nova criação: Análise exegetico-teológica de 1 Co 15.20-28

*Resurrection and New Creation:
Exegetical-Theological Analysis of 1 Corinthians 15:20-28*

Adriano Masiero Neto

Mestrando no PPG de Teologia da Faculdade Teológica Sul Americana (FTSA), docente no Instituto Superior Brasileiro Logos (ISBL)

Carolina Bezerra de Souza

Docente no PPG em Teologia da Faculdades EST

Resumo: A teologia da ressurreição é uma temática primordial na teologia paulina. É visível a defesa da ressurreição pelo apóstolo Paulo e a incisiva afirmação do Cristo Ressuscitado. Por isso, o presente trabalho tem como objetivo estudar a perícopes de 1 Co 15.20-28 e buscar entender em quais aspectos Paulo se apropria da ressurreição para dar corpo à sua teologia escatológica. Para isso, foi feita uma investigação histórico-literária da perícopes. Em seguida, uma análise exegetica do texto e, finalmente, uma reflexão que visa observar o desenvolvimento teológico da ressurreição e sua ligação com os temas que daí derivam.

Palavras-chave: Paulo. 1 Coríntios. Escatologia. Ressurreição.

Abstract: The theology of resurrection is a central theme in Pauline theology. The defense of resurrection by the apostle Paul and the emphatic affirmation of the Risen Christ are evident. Therefore, this paper aims to study the pericope of 1 Cor 15:20-28 and to understand in which aspects Paul appropriates resurrection to give substance to his eschatological theology. To achieve this, a historical-literary investigation of the pericope was conducted, followed by an exegetical analysis of the text, and finally, a reflection aimed at observing the theological development of resurrection and its connection with derived themes.

Keywords: Paul. 1 Corinthians. Eschatology. Resurrection.

Introdução

Na teologia paulina, o tema sobre a ressurreição é desenvolvido com ênfase e seriedade escatológica. Paulo, de modo nenhum, atenua a esperança cristã da ressurreição em nome de filosofias ou sofismas que agradariam mentes gregas. Para os gregos, a ressurreição é uma falácia. Lucien Cerfaux pontua que os discípulos de Platão não saberiam como acreditar numa ressurreição corporal “que recolocaria a alma no seu túmulo ou prisão”¹⁷⁶. Contudo, a teologia cristã valoriza o corpo e ensina, como um dos elementos doutrinários precípuos, a ressurreição do corpo físico. Como descrito em 1 Co

Recebido em: 31 mai. 2024 Aprovado em: 19 set. 2024

¹⁷⁶ CERFAUX, Lucien. *O cristão na teologia de Paulo*. Santo André: Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2012, p.189.

15.16-20, se não houvesse ressurreição, Cristo não ressuscitou e a fé seria vã. “Mas não! Cristo ressuscitou dos mortos” brada Paulo no verso 20. Esta é a realidade do Cristo crucificado e a esperança dos crucificados com Cristo (Rm 6.6).

Em 1 Co 15, Paulo chega ao último tema abordado na epístola e enfatiza com clareza a realidade da ressurreição. Leon Morris, na apresentação da temática da ressurreição, salienta firmemente que ela é parte integrante da fé e que “sem essa esperança, os cristãos seriam ‘os mais infelizes de todos os homens’”¹⁷⁷. O escopo do Evangelho é a pregação da cruz e a ressurreição de Cristo implicando diretamente na ressurreição dos cristãos (1 Co 15). A mensagem do Evangelho, portanto, é a mensagem da ressurreição.

Tendo em vista, contudo, a negação da ressurreição corpórea futura por alguns membros da comunidade (1 Co 15.12), Paulo, na perícopé estudada (1 Co 15.20-28), apresenta alguns temas que expandem o horizonte de consciência teológica enriquecendo sua teologia escatológica numa perspectiva que ultrapassa o mero aparato religioso. Na verdade, o alcance de sua teologia abrange toda a esfera da vida e da criação.

Nesse ínterim, o trabalho buscará investigar em quais aspectos Paulo se apropria da ressurreição para dar corpo à sua teologia escatológica. Para isso, será feita uma análise exegético-teológica do texto de 1 Co 15.20-28 para buscar entender os temas que daí surgem e qual a relevância deles para o tema da ressurreição.

O trabalho estará dividido em três partes. A primeira se encarregará de investigar os elementos histórico-literários da perícopé apresentando a igreja de Corinto e a correspondência paulina entre eles. A segunda parte exporá o texto da perícopé buscando extrair o sentido proposto pelo apóstolo ao defender a ressurreição dos mortos e, por fim, a terceira parte buscará analisar o desenvolvimento teológico da ressurreição e sua ligação com os temas que daí derivam.

1. Contexto histórico-literário

A cidade de Corinto já existia antes da chegada dos gregos dóricos, no início do primeiro milênio a.C.¹⁷⁸ Ela está localizada no istmo de Corinto, mais especificamente, no lado norte do monte Acrocorinto, controlando as vias terrestres entre a Grécia central e o Poloponeso. Era considerada uma cidade rica e diversificada em termos religiosos. A cidade foi destruída em 146 a.C.¹⁷⁹, quando seus habitantes se rebelaram contra a invasão romana. Júlio César a reconstrói em 44 a.C., tornando-a uma colônia romana intitulada *Colonia Laus Lulia Corinthiensis*¹⁸⁰. Sua imponência e magnitude logo volta a se impor, tornando-se uma cidade próspera, cheia de riqueza e luxúria.

No tempo de Paulo, Corinto possuía uma população considerável, sendo a terceira maior cidade depois de Roma e Alexandria¹⁸¹. Muitos de seus habitantes eram

¹⁷⁷ MORRIS, Leon. *1 Coríntios: Introdução e comentário*. São Paulo: Vida Nova, 2011, p.162.

¹⁷⁸ BRUCE, F. F. *Paulo: o apóstolo da graça, sua vida, cartas e teologia*. São Paulo: Shedd Publicações, 2003, p.242

¹⁷⁹ Ver: “Os coríntios [...] se uniram à guerra contra os romanos [...] Quando estes ganharam, efetuaram o desarme total dos gregos e destruíram os muros de todas as cidades fortificadas. A cidade de Corinto foi arrasada” (FOULKES, Irene. *Problemas pastorales en Corinto. Comentario exegetico-pastoral a 1 Coríntios*. San José, Costa Rica. DEI, 1996, p.39 – tradução nossa).

¹⁸⁰ BRUCE, 2003, p.242. Cf. “A colônia coríntia é louvor Juliano” (KISTEMAKER, 2003, p.19). HAFFEMANN, S.J. *Coríntios, carta aos in* HAWTHORNE, G.; MARTIN, R.P. *Dicionário de Paulo e suas cartas*. São Paulo: Paulos; São Paulo: Vida Nova; São Paulo: Loyola, 2008, p.281.

romanos, dentre eles servos alforriados. Também a comunidade judaica local era grande,¹⁸² com “o direito de governar seus negócios internos”¹⁸³. Tratava-se, pois, de uma cidade pluralista, que reunia várias culturas, religiões, estilos de vida e filosofias, dando “a impressão de uma cidade em grande progresso econômico”¹⁸⁴. A religião¹⁸⁵, por sua vez, constituía um fator importante na vida de Corinto. Foulkes relata que em meados do primeiro século ela fora um “mercado livre religioso em que se propagava uma variedade de cultos e crenças”¹⁸⁶.

Paulo chega a Corinto vindo de Atenas aproximadamente em 51/52 d.C.¹⁸⁷. Sua chegada à cidade e a possibilidade de exercer sua profissão foi facilitada pelo encontro com Áquila e Priscila, também fabricantes de tendas. Paulo trabalha na oficina do casal¹⁸⁸ e durante seu ofício pode exercer o labor missionário. No relato de Atos, Lucas nos informa que aos sábados Paulo discorria sobre Cristo na sinagoga local (At 18.4) e quando encontrou oposição na sinagoga, dirigiu-se para os gentios (At 18.6).

Neste contexto, nasce a comunidade cristã na cidade de Corinto. Hafemann sugere que a comunidade, sem ter um local para encontros públicos, como a sinagoga, reunia-se em várias casas. Com base em escavações de casas em Corinto, ele indica que a comunidade podia ter cerca de cinquenta membros¹⁸⁹.

Mas, após a saída de Paulo da cidade, a situação na comunidade começa a mudar. Gordon Fee pontua que um sentimento antipaulino se instaura na igreja, infectando quase todos da comunidade¹⁹⁰. Isso implica na contestação da autoridade de Paulo e,

¹⁸² CF. HEYER. “As escavações arqueológicas demonstram que, naquela época, a cidade contava também com uma sinagoga, onde se reunia uma pequena comunidade judaica” (HEYER, C. J. den. *Paulo: Um homem de dois mundos*. São Paulo: Paulus, 2009, p.94). Para maiores informações sobre o judaísmo helenista, ver FOULKES, 1996, p.56,57.

¹⁸³ HAFEMANN, 2008, p.281

¹⁸⁴ HAFEMANN, 2008, p.281. Cf. “Corinto era, além disso, o local dos jogos ístmicos (1 Co 9.24-27), as competições mais importantes da Antiguidade depois dos Jogos Olímpicos” (SCHNELLE, Udo. *Paulo: Vida e pensamento*. Santo André, SP: Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2010, p.236). A respeito dos jogos ístmicos, ver CONNOR, 2013, p.101,102. Sobre as mulheres nos jogos, ver FOULKES, 1996, p.53,256.

¹⁸⁵ Cf. “Pausânias atesta para o século II d.C. altares e santuários de Poseidon, de Ártemis de Éfeso e do Dionísio de Corinto, um templo de Asclépio e santuários de Ísis e de Serápis” (SCHNELLE, 2010, p.236). “No sopé da fortaleza ficava o templo de Melicertes, patrono dos navegantes; seu nome é uma forma helenizada de Malcarte, a principal divindade de Tiro” (BRUCE, 2003, p.242). Ver FOULKES, 1996, p.54-58.

¹⁸⁶ FOULKES, 1996, p.54.

¹⁸⁷ FEE, Gordon D. *1Coríntios: comentário exegético*. São Paulo: Vida Nova, 2019, p.7

¹⁸⁸ Para maiores informações sobre Priscila e Áquila, ver O’CONNOR, Jerome Murphy. *Paulo de Tarso: História de um apóstolo*. São Paulo: Edições Loyola, 2013, p.103-106 e BRUCE, 2003, p.243-245.

¹⁸⁹ HAFEMANN, 2008, p.282. Embora Paulo tenha trabalhado com êxito e formado uma comunidade cristã na cidade, não há muitos indícios que evidencie uma igreja grande em Corinto. SCHNELLE pontua: “O tamanho da comunidade inteira pode ser apenas objeto de especulações; ela deve ter contado em torno de 100 membros” (SCHNELLE, 2010, p.238).

¹⁹⁰ FEE, 2019, p.9. Cf. DUNN, James. *Comenzando desde Jerusalén. Tomo II. Vol 1 e Vol 2*. Editorial Verbo Divino, Navarra, Espanã, 2012, p.908: “...os problemas internos da igreja de Corinto eram causados pela oposição a Paulo e a seus ensinamentos nas diversas questões importantes para a comunidade. Ao menos, o tom de autodefesa e exasperação em vários pontos de 1 Coríntios indicam claramente que a oposição a Paulo e a reação aos seus ensinamentos foram um fator na crise da igreja coríntia” (tradução nossa).

também, na dúvida se ele era um *pneumatikós*¹⁹¹. Diante disso, Paulo resolve escrever uma carta para tratar esses e outros problemas expostos por pessoas da casa de Cloé (1 Co 1.11)¹⁹². Segundo O'Connor o objetivo era ridicularizá-los, mas Gordon Fee sugere, de forma mais branda, que o propósito seria “despertá-los para a realidade”¹⁹³.

Durante o tempo em que passou em Éfeso, Paulo escreve uma carta à igreja advertindo-os sobre os problemas da imoralidade (1 Co 5.9). Esta missiva pode ser denominada como Coríntios A. Infelizmente, ela se perdeu. Contudo, mesmo com a proposta de alguns estudiosos de ser possível que partes dela tenham se conservado em 2 Co 6.14-7.1¹⁹⁴, esta informação é por demais hipotética. Kümell¹⁹⁵, por outro lado, enfatiza que a epístola “anterior” não sobreviveu eliminando, assim, usos de outras cartas para fundamentar a carta perdida.

A intenção de Coríntios A causou certa inquietação na comunidade. Eles resolvem, por meio de uma carta, expor a Paulo uma série de questionamentos e enviá-la por meio de três irmãos: Estéfanos, Fortunato e Acaico (16.15-17). No entanto, as informações orais recebidas pelos da casa de Cloé (1.11) e as perguntas da igreja no tocante à prática teológico-pastoral, movem Paulo a escrever sua segunda epístola à comunidade na tentativa de elucidar as questões levantadas e a expor seu posicionamento quanto aos problemas ali enumerados. Esta segunda carta é conhecida como a 1 Epístola aos Coríntios (conforme a ordem bíblica) e pode ser chamada de Coríntios B.

Dentre os vários temas abordados por Paulo, o da Ressurreição dos mortos parece ser o tema unificador da epístola bem como “a chave para tudo o mais que [ele] queria dizer”¹⁹⁶. 1 Coríntios 15 é o tratado mais longo sobre a temática da ressurreição e, certamente, a resposta ao problema do verso 12. Lá, havia a afirmação de que alguns cristãos da igreja alegavam não haver ressurreição. Isso implica em negar a futura ressurreição corpórea tendo por base o padrão pagão de pensamento de que “pessoas mortas não voltavam e não podiam voltar à vida corpórea”¹⁹⁷. Ao responder essas questões, Paulo declara que a ação de Deus ao ressuscitar o Messias “é tanto o modelo quanto os meios daquilo que fará por todo o povo de Jesus”¹⁹⁸. Ou seja, o Ressuscitado é a garantia da ressurreição futura de todos os que creem. Isso é visto de modo ainda mais claro na construção teológica dos versos 20-28.

O trecho dos versos 20-28 do capítulo 15 é a perícopes que destaca a ressurreição de Cristo como a nova criação e o início da nova humanidade no verdadeiro ser humano, o Messias. Aqui, encontra-se a “declaração clássica de Paulo sobre o quadro mais amplo da ressurreição, a de Jesus e a daqueles que lhe pertencem”¹⁹⁹. Tendo isso em vista, é

¹⁹¹ FEE, 2019, p.9. Para detalhes sobre os chamados pneumáticos (espirituais), veja CONNOR, 2013, p.180-184.

¹⁹² Para mais informações sobre a construção literária e a divergência dos estudiosos sobre a quantidade de cartas enviadas à igreja de Corinto, ver BROWN, Reymond E. *Introdução ao Novo Testamento*. São Paulo: Paulinas, 2012, p.677-682; KÜMMEL, Werner George. *Introdução ao Novo Testamento*. São Paulo, SP: Paulus, 1982, p.354-359.

¹⁹³ COONOR, 2013, p.183; FEE, 2019, p.146.

¹⁹⁴ HEYER, 2009, p.98

¹⁹⁵ KÜMMEL, 1982, p.357

¹⁹⁶ WRIGHT, N. T. *A ressurreição do Filho de Deus*. Santo André: Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2017, p.398.

¹⁹⁷ WRIGHT, 2017, p.446.

¹⁹⁸ WRIGHT, 2017, p.447.

¹⁹⁹ WRIGHT, 2017, p.469.

necessária uma análise mais rebuscada da perícopa para ampliar o horizonte de consciência sobre o pensamento do apóstolo e buscar entender o impacto da escatologia em sua teologia.

2. Análise semântica de 1 Co 15.20-28.

O texto utilizado para a análise foi o *Novum Testamentum Graece*, 28th Revised Edition de Nestle-Aland²⁰⁰. A consulta ao aparato crítico seguiu o aparato da edição grega utilizada. Eis o texto:

²⁰Νυνὶ δὲ Χριστὸς ἐγήγερται ἐκ νεκρῶν ἀπαρχὴ τῶν κεκοιμημένων. ²¹ ἐπειδὴ γὰρ δι' ἀνθρώπου θάνατος, καὶ δι' ἀνθρώπου ἀνάστασις νεκρῶν. ²² ὥσπερ γὰρ ἐν τῷ Ἀδὰμ πάντες ἀποθνήσκουσιν, οὕτως καὶ ἐν τῷ Χριστῷ πάντες ζῶοποιηθήσονται. ²³ Ἐκαστος δὲ ἐν τῷ ἰδίῳ τάγματι· ἀπαρχὴ Χριστός, ἔπειτα οἱ τοῦ Χριστοῦ ἐν τῇ παρουσίᾳ αὐτοῦ, ²⁴ εἶτα τὸ τέλος, ὅταν παραδιδῶ τὴν βασιλείαν τῷ θεῷ καὶ πατρί, ὅταν καταργήσῃ πᾶσαν ἀρχὴν καὶ πᾶσαν ἐξουσίαν καὶ δύναμιν.²⁵ δεῖ γὰρ αὐτὸν βασιλεύειν ἄχρι οὗ θῆ ἅπαντας τοὺς ἐχθροὺς ὑπὸ τοὺς πόδας αὐτοῦ. ²⁶ ἔσχατος ἐχθρὸς καταργεῖται ὁ θάνατος· ²⁷ πάντα γὰρ ὑπέταξεν ὑπὸ τοὺς πόδας αὐτοῦ. ὅταν δὲ εἴπῃ ὅτι πάντα ὑποτέτακται, δῆλον ὅτι ἐκτὸς τοῦ ὑποτάξαντος αὐτῷ τὰ πάντα. ²⁸ ὅταν δὲ ὑποταγῇ αὐτῷ τὰ πάντα, τότε [καὶ] αὐτὸς ὁ υἱὸς ὑποταγήσεται τῷ ὑποτάξαντι αὐτῷ τὰ πάντα, ἵνα ἢ ὁ θεὸς [τὰ] πάντα ἐν πᾶσιν. (1 Co 15:20-28 BGT).

A tradução literal ficou:

20 Mas não! Cristo ressuscitou dos mortos, primícias dos que dormiram. 21 Uma vez que, de fato, por meio de um homem (veio) a morte, também por meio de um homem (vem) a ressurreição dos mortos. 22 Assim como, pois, em Adão todos morrem, desta forma, em Cristo todos receberão vida. 23 Cada um, porém, em sua ordem: Primeiro Cristo, depois os que são de Cristo em sua vinda [parúsia]. 24 Em seguida virá o fim, quando entregar o reino ao Deus e Pai, depois de ter destruído todo principado e toda autoridade e poder. 25 É necessário, pois, que [Ele] reine até que coloque todos os inimigos debaixo dos seus pés. 26 O último inimigo a ser destruído será a morte 27 Tudo, pois, sujeitou sob seus pés. Quando, porém, disser que tudo submeteu, evidentemente exclui Aquele que tudo lhe submeteu. 28 Quando, porém, tudo lhe tiver sido submetido, então também Ele, o Filho, estará sujeito Àquele que lhe subordinou tudo, para que Deus seja tudo em todos.

Não há muitos problemas no aparato crítico. No verso 20, o texto Majoritário acrescentou um ἐγενετο²⁰¹ formando dois segmentos de frase: “e se tornou as

²⁰⁰ Nestle-Aland. *Novum Testamentum Graece*. 28th Revised Edition. Edited by Barbara Aland, Kurt Aland, Johannes Karavidopoulos, Carlo M. Martini, and Bruce M. Metzger. Münster/Westphalia: Institute for New Testament Textual Research, 2012.

²⁰¹ D2 K L Ψ 104. 1505 ℣.

primícias”²⁰². Na tradução, optou-se por seguir os manuscritos mais antigos²⁰³ e manter o texto mais curto. No verso 28, a maioria dos manuscritos²⁰⁴ trazem **καὶ** depois de **τότε**. Ele não aparece nas testemunhas mais antigas²⁰⁵. O acréscimo faz sentido, mas o texto mais curto parece ser o original. “O acréscimo é facilmente explicado como tentativa de acentuar a ideia central do texto; a omissão independente e logo no início é menos fácil de explicar”²⁰⁶. No mais, não há nada de significativo que poderia mudar o sentido do texto.

Paulo desenvolve a temática da Ressurreição em meio a uma polêmica que, de fato, estava em vigor por parte de alguns membros da igreja coríntia. A realidade da ressurreição futura estava sendo negada e o apóstolo inaugura o capítulo 15 de sua carta com a defesa evangélica no discurso que enfatiza a morte de Cristo em favor de pecadores, seu sepultamento e sua ressurreição no terceiro dia. Aqui, Paulo declara que a abordagem teológica pertinente ao Evangelho anunciado é conforme as Escrituras veterotestamentária. Assim, toda sua fala é corroborada pelo testemunho escriturístico em favor da ressurreição dos mortos.

De fato, a pergunta central que permeia a negação da ressurreição é feita pelo apóstolo como questionamento à exposição da não ressurreição corpórea por parte de alguns. Ele indaga: como não haveria ressurreição futura se o ensino pregado era a ressurreição de Cristo? Certamente, toda mensagem do Evangelho é corrompida quando a ressurreição é extraída da realidade crística e, com isso, toda esperança e realidade soteriológica é exaurida.

Diante disso, Paulo é enfático e brada: “Mas não! Cristo ressuscitou dos mortos, primícias dos que dormiram” (v.20). Primeiramente, no início do verso é utilizado um **Νὺν δὲ** (Mas não) cujo propósito é salientar firmemente a realidade do que se pretende anunciar²⁰⁷. Ele ressalta a ideia do contraste “apresentando a situação real depois de uma oração ou frase condicional hipotética”²⁰⁸. Paulo, de fato, está contrariando veementemente a ideia coríntia quanto a negação da ressurreição apresentando Cristo como o ressuscitado dentre os mortos.

Para isso, ele não apenas enfatiza a ressurreição de Cristo, mas o apresenta como primícias dos que dormem. Isto é, Cristo é o primeiro de uma série²⁰⁹. O termo primícias,²¹⁰ no grego, expressa o início de algo surpreendente²¹¹. “O primeiro feixe da colheita que garante que há mais por vir”²¹², “o início da safra, que serve como garantia

²⁰² FEE, 2019, p. 947.

²⁰³ Ɱ46 Ɱ A B D* F G P 0243. 6. 33. 81. 365. 630. 1175. 1241. 1739. 1881. 2464.

²⁰⁴ Ɱ D1 F G K L P Ψ 075. 104. 365. 630. 1175. 1505. 1881. 2464 Ɱ.

²⁰⁵ B D* F G 0243. 33. 1175. 1739.

²⁰⁶ FEE, 2019, p.947.

²⁰⁷ O advérbio **Νὺν** pode ser usado indicando não apenas algo temporal ou lógico, mas também introduzindo uma situação real após uma sentença irreal. Para mais detalhes, v. THISELTON. Anthony C. *The First Epistle to the Corinthians: A commentary on the Greek text*. Grand Rapids, Mich, 2000, p.1223.

²⁰⁸ BDAG *apud* FEE, p.947.

²⁰⁹ LOUW, Johannes P.; NIDA, Eugene A. *Léxico grego português do Novo Testamento baseado em domínios semânticos*. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013, p.543.

²¹⁰ Para detalhes sobre o uso do termo na teologia paulina, v. THISELTON, 2000, p. 1224.

²¹¹ BARRETT, C.K. *The first epistle to the Corinthians*. Hendrickson Publishers, 2000, p.203.

²¹² WRIGHT, 2017, p.469.

da colheita toda”²¹³. A ressurreição, portanto, é escatológica²¹⁴ e remete ao futuro do ser humano. O que Paulo quer dizer com tudo isso é que em Cristo se inicia o que será realidade ao homem no futuro. O mesmo pensamento é visto em Filipenses: “o qual transformará o nosso corpo de humilhação, para ser igual ao corpo da sua glória” (Fp 3.21). Desse modo, o argumento de alguns coríntios de não haver ressurreição é refutado pelo apóstolo não apenas no sentido de que a ressurreição de Cristo se opõe ao pensamento deles, mas por afirmar que a ressurreição de Cristo torna inevitável a ressurreição dos crentes que morreram²¹⁵.

Para explicar melhor a metáfora anterior, Paulo se utiliza de um paralelismo²¹⁶ duplo perfeito²¹⁷ nos versos 21 e 22. O propósito é expor a entrada da morte por meio de Adão e a resposta de Deus na ressurreição de Cristo. A morte é a realidade de participação da humanidade em “Adão”.²¹⁸ É a essência da não permanência em Deus. Sua entrada através de Adão fomentou o que degenera o humano na alienação típica de uma mudança de rumo. A morte, nesse sentido, está em estreito relacionamento com o pecado que escraviza o homem e a mulher como déspota execrável (v. Rm 6-7)²¹⁹.

Mas, a resposta para o problema da morte está na participação em Cristo. Nele se manifesta a vida. Paulo deixa isso claro no verso 22: “Assim como, pois, em Adão todos morrem, desta forma, em Cristo todos receberão vida”. A vida em Cristo é a abolição da morte expressa na ressurreição de Cristo. Aqui, está incluso não somente vida no sentido espiritual, mas, de modo claro, vida física regenerada (1 Co 15). Os crentes serão vivificados em seu corpo como nova criação. “Serão ressuscitados dentre os mortos para participar da vida do Ressuscitado”²²⁰, pontua Fee. A matéria, portanto, não é negada, mas eternizada através da nova criação no futuro de Jesus Cristo.

Corroborando o seu pensamento, Paulo utiliza o termo τάγμα²²¹ para indicar a ordem da ressurreição no verso 23. Se Cristo é o primeiro e a garantia da ressurreição futura, os crentes ressuscitarão na sua vinda²²². Com respeito aos versículos 24-28, o final do verso 23 corresponde ao início do verso 24. Após a ressurreição na parúsia, virá o fim.

²¹³ FEE, 2019, p.948.

²¹⁴ GARLAND, D. E. *1 Corinthians*. Baker exegetical commentary on the New Testament (705–706). Grand Rapids, Mich.: Baker Academic, 2003, p.970.

²¹⁵ FEE, 2019, p.948.

²¹⁶ Paralelismo é a prática de utilizar linguagem semelhante para relatar pensamentos correspondentes. Para mais detalhes, v. KÖSTENBERGER, Andreas J. *Convite à interpretação bíblica: a tríade hermenêutica*. São Paulo: Vida Nova, 2015, p.251-257.

²¹⁷ FEE, 2019, p.949. Cf. BARRETT, 2000, p.204. Aqui, ele também expõe o paralelismo indicando que a história não é apenas resumida, mas também posta em movimento.

²¹⁸ Barrett é preciso ao destacar o estar em Adão como “membros da raça humana que se afastou de sua vocação original”. Cf. BARRETT, 2000, p.204. Para mais informações sobre o interesse duplo de Paulo ao tratar a antítese Adão-Cristo veja FEE, 2019, p.951. Veja também THISELTON, 2000, p.1224-1229.

²¹⁹ FEE, 2019, p.951.

²²⁰ FEE, 2019, p.952.

²²¹ O termo τάγμα, segundo Barrett, no grego clássico é usado quase exclusivamente no sentido militar denotando um corpo de tropas. No grego posterior, o uso se amplia podendo ser aplicado a qualquer tipo de grupo, militar ou civil significando lugar, posição ou ordenança. Cf. BARRETT, 2000, p.205. Nida traduz o termo como “ordem certa, boa ordem, em ordem e de forma ordenada. NIDA, 2013, p.545.

²²² Bailey afirma: “A primeira categoria é a ressurreição de Cristo, que é as primícias. O segundo grupo, formado pelos que são de Cristo, se une ao desfile militar em sua vinda. Paulo está projetando desde a ressurreição de Cristo até o fim de todas as coisas”. BAILEY, Keneth E. *Pablo a través de los ojos mediterrâneos*. InterVarsit Press, Downers Grove, IL 60515, EE.UU, 2011, p.443,444.

O fim descreve a história final do mundo. Isto é, refere-se à consumação do tempo. De fato, é a conclusão da obra redentora que Cristo realizou pelo seu povo²²³. Leon Morris sugere o “clímax a que todas as coisas são destinadas a ser levadas”²²⁴. Para Irene Foulkes, o “tema do processo final da história, que culmina com a destruição da morte”²²⁵.

Assim, o fim é a meta final de nosso percurso²²⁶. Será a ordem em meio às contradições que assolam o mundo. Todavia, não será a tristeza de um fim desolador para o Cosmos, mas a alegria expressa no verso 28: “para que Deus seja tudo em todos”. Nessa perspectiva, o fim não será o fim dos que creem, mas o fim da morte e do pecado.

No entanto, para buscar entender o clímax que Paulo propõe, é importante observar a estrutura quiástica²²⁷ empregada por ele nos versos 24-28. Nesta passagem, temos uma estrutura concêntrica que gira em torno de um núcleo. O núcleo da estrutura é a chave de compreensão do texto. É o coração da mensagem proferida pelo escritor. Vejamos conforme proposta de Foulkes²²⁸:

- (A) 24. Quando entregar o Reino ao Deus e Pai
- (B) Quando abolir todo Principado, e toda autoridade e poder
- (C) 25. É necessário, pois, Ele reinar até que coloque todos os inimigos sob seus pés.
- (D) 26. O último inimigo a ser destruído será a morte.
- (C) 27. Tudo, pois, sujeitou sob seus pés
- (B) Quando, porém, disser tudo submeteu, evidentemente exclui Aquele que tudo lhe submeteu.
- (A) 28. Quando, porém, tudo lhe tiver sido submetido, então também Ele, o Filho, estará sujeito Àquele que lhe subordinou tudo, para que Deus seja tudo em todos.

O verso 26 é o centro da estrutura. O fim visa a destruição da morte. De modo mais claro, a morte como último inimigo a ser eliminado. As letras A, B e C são elementos equidistantes do elemento D, o centro comum. Desse modo, os versos 24 e 28 correspondem-se, assim como os versos 25 e 27. Todos, portanto, girando em torno do verso 26. De fato, toda questão que envolve o reino de Cristo e a submissão de seus inimigos define-se como a destruição do último inimigo, a morte!

A realidade do fim é decorrente da entrega do Reino ao Pai. Observe que a entrega do Reino (verso 24) está interligada com a submissão do verso 28. O Reino pertencente ao Filho será passado ao Pai e o Filho estará sujeito ao Pai que deu o Reino ao Filho. Essa ação de entrega e submissão é característica da mentalidade do Reino vista em todo discurso de Jesus registrado nos Evangelhos²²⁹.

²²³ KISTEMAKER, Simon J. *Comentario al Nuevo Testamento*. Kalamazzo Ave. SE. Libros Desafío, 1998, p.482.

²²⁴ MORRIS, 2011, p.173.

²²⁵ FOULKES, 1996, p.398.

²²⁶ CALVINO, João. *1 Coríntios*. São Bernardo do Campo, SP: Edições Parakletos, 2003, p.472.

²²⁷ Para mais detalhes sobre a estrutura quiástica, v. FOULKES, 1996, p.60-62; KÖSTENBERGER, 2015, p.270.

²²⁸ FOULKES, 1996, p.399.

²²⁹ Análise feita segundo a proposta de FOULKES, 1996, p.398-400.

Segundo Morris, por “Reino”, o pensamento de Paulo descreve “todo poder e autoridade sobre todas as coisas e sobre todos os homens” que será entregue ao Pai²³⁰. O domínio de Cristo sobre tudo e todos é claramente testemunhado em outros textos paulinos sendo, por sua vez, atribuída a Cristo o termo κύριος – “Senhor”²³¹. Cristo, portanto, reina sobre tudo!

O fim, no entanto, virá depois que Cristo entregar o Reino ao Pai e abolir todo poder. Embora a parte “b” do verso 24 inicie com o advérbio temporal ὅταν, que pode ser traduzido por quando, o Reino só será entregue após a destruição dos inimigos. Assim, fica justificado as versões que traduzem o termo por “depois de” ou acrescentam a conjunção aditiva “e”. Calvino salienta: “Cristo não entregará o Reino antes do fim”²³².

A destruição dos inimigos é descrita por καταργήση. Seu significado básico é: “Fazer com que deixe de existir”²³³, “chegar a um fim” (BDAG)²³⁴. A ideia é reduzir a nada todo domínio, que não o de Cristo, tornando-o inoperante²³⁵. Por inimigos, Paulo usa “Principado e toda autoridade e poder”. Certamente, essas palavras não são empregadas para definir hierarquias de poder simplesmente humano, mas toda espécie de poder, humano ou angelical. Juntas, dão a ênfase de que naquele dia não haverá nada acima do governo de Cristo. Tudo o que não é d’Ele estará inoperante.

O ponto central da exposição paulina visto no quiasmo dos versos 24-28 é a destruição da morte. Sua destruição é o propósito da ressurreição final dos que creem. Assim, fica claro que o fim da morte já é visto, de modo proléptico, na ressurreição do Crucificado e consumado na ressurreição final dos que creem²³⁶. No futuro de Deus não pode haver nada necrótico²³⁷. No entanto, “é necessário, pois, que [Ele] reine até que coloque todos os inimigos debaixo dos seus pés²³⁸ (v.25)”. Nesse ponto do texto, observa-se uma referência aos Salmos 110.1 e 8.6.

O Salmo 8 é um hino de louvor que exalta o Nome de Deus e sua majestosa obra na criação. Os versos 3-8 ressaltam uma antropologia magnífica culminando no verso 9 com o louvor de sua glória. Paulo, todavia, entende o Salmo como aplicando-se ao Messias, “na condição daquele que cumpre as intenções de Deus para com a humanidade”²³⁹. Sua intenção é expressar Cristo como o último Adão restaurando a condição perdida pelo primeiro Adão. Isto é, assim como Deus confere ao homem domínio sobre toda a criação, o Pai outorga ao Filho, como segundo Adão, o governo de tudo. Desse modo, a aplicação do Antigo Testamento nos textos paulinos é a beleza de uma cristologia autêntica que visa centralizar Cristo como soberano de toda criação. “É

²³⁰ MORRIS, 2011, p.173.

²³¹ Ver Romanos 10.

²³² CALVINO, 2003, p.473.

²³³ NIDA, 2013, p.145.

²³⁴ DANKER, Frederick W. *A Greek-English lexicon of the New Testament and other early Christian Literature*. (BDAG) 3^ard.ed.

²³⁵ MORRIS, 2011, p.173.

²³⁶ FOULKES, 1996, p.399.

²³⁷ Sobre a derrota da morte e do inferno no futuro de Cristo, Moltmann diz: “No imaginário apocalíptico, a ‘morte e o inferno’ serão jogados no ‘lago de fogo’ que ‘queima de enxofre’ (Ap 20.14; 19.20). Ou seja, a morte será morta e o inferno irá para o inferno” (MOLTMANN, Jürgen. *A Vinda de Deus*. São Leopoldo, RS: Editora Unisinos, 2002, p.101).

²³⁸ Sobre a discussão se o sujeito do verbo “até que ele tenha posto” se é Cristo ou Deus, v, FEE, 2019, p.956.

²³⁹ GERLAND *apud* CIAMPA, Roy, E. ROSNER, Brian S. *1 Coríntios in Comentário do uso do Antigo Testamento no Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2014, p.927.

aqui que as alusões ao Salmo 110 [...] têm sua importância, encaixando-se perfeitamente no interior da perspectiva [...] sobre o estabelecimento vindouro do Reino de Deus”²⁴⁰. No entanto, a soberania de Cristo exclui, evidentemente, o Pai.

O verso 28 finaliza a perícopes. O contexto informa a vitória de Cristo sobre seus inimigos e ao fim disso a entrega do Reino ao Pai. Nisto é visto a realidade escatológica do evento culminando em Cristo e no Pai. O propósito é a centralidade do Pai em tudo. O próprio Filho estará sujeito para que Deus seja tudo em todos.

O texto de 1 Coríntios 15, portanto, evidencia a força escatológica no pensamento paulino. Logo, fica patente que o presente não pode ser substituto do futuro e a esperança cristã não pode anular o que virá. Esperar o futuro é crer na promessa da ressurreição e estar ciente de que o hoje não é a última palavra de Deus, mas, sim, o fim, para que Deus seja tudo em todos²⁴¹.

3. Escatologia, parúsia e nova criação.

A pergunta crucial desenvolvida pelo teólogo alemão Jürgen Moltmann é se os assassinos triunfariam sobre suas vítimas. De fato, seria lúgubre se a realidade da morte fosse um fato irremediável e não houvesse uma alternativa a não ser o desespero em face da iminência necrótica. Desse modo, não haveria esperança e o resultado seria uma catástrofe escatológica.

O medo da morte seria o fundamento de toda desesperança. Não haveria justiça quanto à perda dos entes queridos em face de injustiças calamitosas. Diante disso, Jürgen Moltmann desenvolve uma teologia pautada na Esperança. Sua frase célebre, ao referir-se ao tema do juízo final, é: “O juízo final não é um terror [...] É uma fonte de infinita e consoladora alegria saber que os assassinos não triunfarão definitivamente sobre as suas vítimas”²⁴².

Essa esperança e o consolo da ressurreição de Jesus como garantia da ressurreição futura dos mortos conduz para uma leitura escatológica dos temas paulinos de 1 Co 15.20-28. Por escatológico²⁴³, entende-se a compreensão do futuro sob a base do futuro de Jesus Cristo²⁴⁴. Não o fim de todas as coisas, mas o início do futuro de Deus exposto na realidade dos “novos céus e nova terra” conforme descrito em Apocalipse 21.

O início do futuro de Deus é visto na Ressurreição de Cristo como inauguração da nova criação²⁴⁵. A vida que vence a morte é atestada no Ressuscitado que está acima da lei do morrer. Em Cristo não há mais morte. Em comunhão com o Ressuscitado há uma vida eterna imperecível e imortal das criaturas a partir da vida divina²⁴⁶. Mesmo na contradição atual em que a realidade da morte ainda é uma ameaça para o humano, na

²⁴⁰ WRIGHT, 2017, p.473.

²⁴¹ Para uma leitura política da perícopes, v. WRIGHT, 2017, p. 475. Aqui, ele realça que a ressurreição se situa dentro de uma teologia do Reino de Deus que inevitavelmente carrega um sentido político. César é colocado no topo da sociedade, a nova ordem (τάγμα) do Criador terá Ele próprio no topo, como o Messias e seu povo. Cf. BAILEY, 2013, p.443-447 para exemplos de metáforas no Antigo Oriente Médio sobre a frase “sob os seus pés” e a aplicação do conceito na teologia política paulina.

²⁴² MOLTMANN, 2002, p.277.

²⁴³ Para detalhes sobre a Escatologia do judaísmo do Segundo Templo e a redefinição paulina, v. WRIGHT, N. T. *Paul and the faithfulness of God*. Fortress Press Edition, 2013, p.1043-1270.

²⁴⁴ MOLTMANN, Jürgen. *Teologia da esperança: estudos sobre os fundamentos e as consequências de uma escatologia cristã*. São Paulo: Editora Teológica: Edições Loyola, 2005, p. 31.

²⁴⁵ WRIGHT, 2013, p.1068.

²⁴⁶ MOLTMANN, 2002, p.101.

comunhão com o Ressuscitado e na força do Espírito Santo a vida nova é uma realidade neste momento presente. Não há mais chances para a morte. Ela foi vencida na ressurreição do Crucificado e junto com a vitória do Cristo ressurreto há o desfile triunfante dos que com Cristo ressuscitarão em sua vinda. “Na presença da vida eterna, a morte perde seu poder, assim como na experiência do amor apaixonado, ela já perde a sua força, porque esse amor é uma chama do Senhor (Ct 8.6)”²⁴⁷.

No futuro de Jesus Cristo a morte será banida para sempre! Não só a morte dos seres humanos, mas a morte de tudo o que tem vida²⁴⁸. A criação celebra a vitória do Cordeiro porque nela também será manifesto a vida do Ressuscitado que faz nova todas as coisas. A criação será nova, redimida e restaurada e na comunhão com a Trindade a Vida é a realidade absoluta através de Jesus Cristo. O riso do universo, portanto, é a ressurreição do Crucificado.

Mas, a inauguração da nova criação na ressurreição de Jesus aponta para a consumação na sua parúsia²⁴⁹. Paulo não diz somente que a morte veio por Adão e a vida por Jesus, ele também afirma a vinda gloriosa do Messias e sua vitória sobre os poderes (1 Co 15.22-28). Cristologicamente, parúsia refere-se à “segunda” vinda de Jesus. Literalmente, significa “presença” (em oposição a ausência) e pode ser traduzido por “vinda”. Contudo, no discurso teológico, esse termo teve algumas distorções em sua aplicação hermenêutica. Há diversas correntes bíblicas que tentam explicar a vinda do Senhor com base em misticismos e superstições ficcionais. No entanto, o termo encerra uma das verdades neotestamentárias mais extraordinárias.

Nos tempos bíblicos, parúsia possuía dois significados expressivos. Wright relata que o primeiro, de competência religiosa, remetia a presença misteriosa de um deus ou divindade²⁵⁰. Nesse caso, a manifestação divina era por meio de curas milagrosas levando as pessoas a crerem que estavam diante de uma presença poderosa. O segundo é de esfera política significando a visita de um soberano (pessoa de alta patente) a uma colônia sob seu comando. Nesse caso, o termo denota presença real.

A entrada triunfante dos imperadores nas colônias poderia ser um belo exemplo para Paulo descrever a vinda sublime de Cristo. Enquanto os soberanos do mundo vinham para determinada província e os seus súditos o encontravam no caminho, Paulo descrevia o único Senhor Soberano, embora ausente no momento em corpo, aparecendo visivelmente ao mundo para ser o único Rei que irá governar o cosmos. Assim, o uso de parúsia era claro naquele contexto histórico e poderia ser entendido na esfera da vinda de Cristo.

Nas cartas paulinas, parúsia é uma das expressões para dizer que Jesus é real e César não passa de fraude²⁵¹. O termo está inserido em sua teologia política que reconhece Jesus como Senhor de modo a enfraquecer a figura dos imperadores. Isso tudo, portanto, encaixa-se perfeitamente com a linguagem apocalíptica judaica que, de fato, era muito bem compreendida no primeiro século.

²⁴⁷ MOLTSMANN, 2002, p.101.

²⁴⁸ MOLTSMANN, 2002, p.108.

²⁴⁹ “Com a ressurreição de Cristo iniciou nova era, nova humanidade, assim a segunda vinda levará esta era ao clímax e completará a obra da salvação que foi começada então”. (DUNN, James D. G. *A teologia do Apóstolo Paulo*. São Paulo: Paulus, 2003, p.346).

²⁵⁰ WRIGHT, N. T. *Surpreendido pela esperança*. Viçosa, MG: Ultimato, 2009, p.147.

²⁵¹ WRIGHT, 2009, p.149.

Desse modo, anunciar a vinda do Senhor corresponde a confessar seu senhorio e seu governo futuro sobre toda a criação como verdadeiro Rei. Sua presença é real e sua manifestação será visível. A figura dos homens de alta patente adentrando com pompa às províncias davam aos primeiros cristãos a metáfora pertinente para anunciar a vinda do Verdadeiro Soberano em face da fragilidade e pequenez dos soberanos desse mundo.

Paulo já vê Jesus no trono, tal como um rei “que agora está consolidando uma vitória inicial sobre os rebeldes”²⁵². Esta declaração está de acordo com a esperança judaica e é vista em Daniel 7 e nos ecos dos Salmos 2, 8 e 110. A vinda do Rei e a derrota da morte é o clímax da redenção.

Moltmann pontua:

A ressurreição do Crucificado é a antecipação de sua parúsia em glória, e sua parúsia é o cumprimento de sua ressurreição. A reconciliação do mundo é a promessa da nova criação de todas as coisas, e a nova criação é o cumprimento da reconciliação do mundo²⁵³.

Portanto, falar da esperança escatológica da nova criação e do governo de Cristo sob todos os poderes é, também, se referir a tensão escatológica vivenciada no hoje da história. Afinal, na perícopes analisada acima, é visível o reinado do Messias e, também, a derrota da morte na sua vinda. Como entender isso?

O presente é o já que experimenta a antecipação da realidade futura através do Espírito Santo na esperança de que o ainda não se torne realidade concreta no futuro de Jesus Cristo²⁵⁴. Com isso, não se pretende afirmar que hoje é o futuro, mas certifica que o futuro que vem pode ser experimentado hoje como realidade escatológica. De fato, pode-se viver no poder da ressurreição, mas compreendendo que os corpos não foram ressuscitados. Pode-se viver como nova criação, mas cientes de que o corruptível não fora tomado de incorruptibilidade. A realidade espiritual é sentida no presente como “adiantamento” do futuro que virá como ação do Espírito Santo que habita no humano. O novo é realidade escatológica através da obra de Jesus Cristo na cruz e realidade absoluta na parúsia do Senhor. Isso tudo, portanto, elucida-se nesta pequena frase: O “já / ainda não” se define como a presença do futuro.

Os batizados morrem juntamente com Cristo quando são batizados em sua morte. Mas não estão ainda ressuscitados [...] Cristo ressuscitou e foi arrancado à morte, mas os seus ainda não estão arrancados da morte; tão somente através da esperança eles têm participação na vida da ressurreição. Como se vê, a ressurreição está presente neles como esperança e promessa ²⁵⁵.

Eis a esperança escatológica: A garantia do futuro antecipada em Jesus e a vitória conquistada em sua cruz e ressurreição. Jesus já reina, mas chegará o dia em que o futuro antecipado será consumado e Deus será tudo em todos. Diante disso, a fé

²⁵² WRIGHT, 2013, p. 1063.

²⁵³ MOLTSMANN, 2009, p.471.

²⁵⁴ Wright afirma que o “já/ainda não consiste em Jesus já governar o mundo e seu povo compartilhar sua parte neste regime salvador e libertador – Embora no momento sua participação consiste em gemidos misteriosos e orações inarticuladas” (WRIGHT, 2013, p.1066).

²⁵⁵ MOLTSMANN, 2009, p.207.

proclamada e a Vida que vence a morte é o triunfo jubilante de toda a criação na festa do Ressuscitado no *novum* de Deus no futuro de Jesus Cristo.

Conclusão

O objetivo deste trabalho foi investigar em quais aspectos Paulo se apropria da ressurreição de Cristo para dar corpo à sua teologia escatológica. Para isso, foi necessária uma análise exegética da perícopes de 1 Co 15.20-28. Nela, ficou claro alguns temas que compõe o pensamento paulino da Escatologia e seu desdobramento através da Ressurreição de Jesus.

Na perícopes, Paulo desconstrói o pensamento de alguns coríntios que negavam a ressurreição corpórea futura. Ele afirma que se Jesus não ressuscitou dentre os mortos, a fé se torna vã e a pregação falaciosa. Contudo, no verso 20 ele declara a ressurreição de Cristo como as primícias dos que dormem. Aqui, ele enfatiza a garantia da ressurreição de Cristo como primeiro feixe da colheita. Logo, se Jesus ressuscitou dos mortos, os crentes também ressuscitarão em sua vinda.

Para vinda, Paulo o usa o termo parúsia. A pesquisa constatou que o alcance desse termo não se dá apenas na perspectiva religiosa, mas também política. Nesse sentido, Jesus, como o Ressuscitado, é o Senhor do mundo e César não passa de uma fraude. Na sua vinda ele entregará o Reino ao Pai e Deus será tudo em todos. Logo, a escatologia paulina não é escapista, mas envolve toda a criação numa releitura da esperança judaica vista nas Escrituras do Antigo Testamento e gravada na memória de fé do povo de Deus através dos séculos.

Na leitura escatológica do apóstolo, a nova criação foi inaugurada na ressurreição de Jesus e será consumada em sua vinda. Nisso, ficou claro a derrota dos poderes que assolam a humanidade e a redenção da criação. Dentre os poderes derrotados, a morte é o principal deles. Desse modo, a morte como realidade última de toda humanidade é vencida na morte e ressurreição do Crucificado conduzindo toda a criação na festa do Cordeiro no *novum* de Deus no futuro de Jesus Cristo. Eis, portanto, a apropriação paulina da ressurreição de Jesus em sua teologia escatológica.

Referências

BAILEY, Keneth E. *Pablo a través de los ojos mediterrâneos*. InterVarsit Press, Downers Grove, IL 60515, EE.UU, 2011.

BARRETT, C.K. *The first epistle to the Corinthians*. Hendrickson Publishers, 2000.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2002.

BROWN, Reymond E. *Introdução ao Novo Testamento*. São Paulo: Paulinas, 2012.

BRUCE, F. F. *Paulo: o apóstolo da graça, sua vida, cartas e teologia*. São Paulo: Shedd Publicações, 2003.

BRUNNER, Emil. *Teologia da crise*. São Paulo: Fonte, 2010.

CALVINO, João. *1 Coríntios*. São Bernardo do Campo: Parakletos, 2003.

CERFAUX, Lucien. *O cristão na teologia de Paulo*. Santo André: Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2012.

CIAMPA, Roy, E. ROSNER, Brian S. *1 Coríntios in Comentário do uso do Antigo Testamento no Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2014.

- DANKER, Frederick W. *A Greek-English lexicon of the New Testament and other early Christian Literature*. (BDAG) 3rd.ed.
- DUNN, James D. G. *Comenzando desde Jerusalén*. Tomo II. Vol 1 e Vol 2. Verbo Divino, Navarra, España, 2012.
- DUNN, James D. G. *A teologia do Apóstolo Paulo*. São Paulo: Paulus, 2003.
- FEE, Gordon D. *1 Coríntios: comentário exegético*. São Paulo: Vida Nova, 2019.
- FOULKES, Irene. *Problemas pastorales en Corinto. Comentario exegetico-pastoral a 1 Corintios*. San José, Costa Rica. DEI, 1996.
- GARLAND, D. E. *1 Corinthians*. Baker exegetical commentary on the New Testament (705–706). Grand Rapids, Mich.: Baker Academic, 2003.
- GUTHRIE, Donald. *Hebreus – Introdução e comentário*. São Paulo, SP: Vida Nova; São Paulo: Mundo Cristão, 1983.
- HAFFEMANN, S. J. *Coríntios, carta aos* in HAWTHORNE, G.; MARTIN, R.P. *Dicionário de Paulo e suas cartas*. São Paulo: Paulos; São Paulo: Vida Nova; São Paulo: Loyola, 2008.
- HAFFEMANN, S.J. *Coríntios, carta aos* in HAWTHORNE, G.; MARTIN, R.P. *Dicionário de Paulo e suas cartas*. São Paulo: Paulos; São Paulo: Vida Nova; São Paulo: Loyola, 2008. São Paulo: Paulos; São Paulo: Vida Nova; São Paulo: Loyola, 2008.
- HEYER, C. J. den. *Paulo: Um homem de dois mundos*. São Paulo: Paulus, 2009.
- KISTEMAKER, Simon J. *Comentario al Nuevo Testamento*. Kalamazzo Ave. SE. Libros Desafío, 1998.
- KÖSTENBERGER, Andreas J. *Convite à interpretação bíblica: a tríade hermenêutica*. São Paulo: Vida Nova, 2015.
- KREITZER, L. J. *Reino de Deus* in HAWTHORNE, G.; MARTIN, R.P. *Dicionário de Paulo e suas cartas*. São Paulo: Paulos; São Paulo: Vida Nova; São Paulo: Loyola, 2008, p.1056.
- KÜMMEL, Werner George. *Introdução ao Novo Testamento*. São Paulo, SP: Paulus, 1982.
- LOUW, Johannes P.; NIDA, Eugene A. *Léxico grego português do Novo Testamento baseado em domínios semânticos*. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013.
- MOLTMANN, Jürgen. *Teologia da esperança: estudos sobre os fundamentos e as consequências de uma escatologia cristã*. São Paulo: Editora Teológica: Edições Loyola, 2005.
- MOLTMANN, Jürgen. *A Vinda de Deus*. São Leopoldo, RS: Editora Unisinos, 2002.
- MORRIS, Leon. *1 Coríntios: Introdução e comentário*. São Paulo: Vida nova, 2011.
- Nestle-Aland. *Novum Testamentum Graece*. 28th Revised Edition. Edited by Barbara Aland, Kurt Aland, Johannes Karavidopoulos, Carlo M. Martini, and Bruce M. Metzger. Münster/Westphalia: Institute for New Testament Textual Research, 2012.



- O'CONNOR, Jerome Murphy. *Paulo de Tarso: História de um apóstolo*. São Paulo: Edições Loyola, 2013.
- ROBERTSON, A. T. *Comentario al texto griego del Nuevo Testamento*. Terrassa (Barcelona): Clie, 2003.
- SCHNELLE, Udo. *Paulo: Vida e pensamento*. Santo André, SP: Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2010.
- SCOTT, J. Julius. *Vida e Morte in* HAWTHORNE, G.; MARTIN, R.P. *Dicionário de Paulo e suas cartas*. São Paulo: Paulos; São Paulo: Vida Nova; São Paulo: Loyola, 2008.
- THISELTON, Anthony C. *The First Epistle to the Corinthians: A commentary on the Greek text*. Grand Rapids, Mich, 2000.
- WRIGHT, N. T. *A ressurreição do Filho de Deus*. Santo André: Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2017.
- WRIGHT, N. T. *Paul and the faithfulness of God*. Fortress Press, 2013.
- WRIGHT, N. T. *Surpreendido pela esperança*. Viçosa: Ultimato, 2009.